



Rio Grande, 31 de julho de 2016

Cirandeir@s!

Esta semana foi muito densa. Estive no XVIII ENEQ em Florianópolis, uma magia de encontro com antigos alunos, amigos até hoje, com muitos encontros nesta ilha da magia que é Florianópolis, mas com muita gente e trânsito. No retorno à casa, hoje pela manhã fui ao Cassino ver conchas, este fenômeno de cada julho e que desde o primeiro momento que vi afirmei ser este meu lugar e isso foi em 1983 e aqui estou! O dia não deu cores às conchas hoje como dá quando temos o sol a iluminar nossa praia que estava fria e mais revolta do que gostaria de ter visto. Bom, mas segunda-feira começa o período de envio de nosso relato para o Cirandar 2016 e isto será feito pelo site [www.sinsc.furg.br](http://www.sinsc.furg.br), e de lá para o Cirandar 2016, certo?

Recebi duas cartas nesta semana de participantes do Cirandar o que me deixou muito satisfeita. Me permito reproduzir um trecho de uma delas, resposta a minha carta: “Escrever e estar no cotidiano escolar estão na mesma proporção. Já iniciei o meu trabalho para apresentar no grupo Cirandar, e isto foi em março! Iniciei a escrita cheia de sonhos, utopias, e os mesmos tomaram outros rumos. Mas como nos diz Galeano são as utopias que nos põem a caminhar, e continuo caminhando. E, como Bauman nos diz, escrevi sem saber no que ia dar. Creio que não chegarei onde pretendia chegar, talvez nem na metade em que a minha empolgação previu, mas a escola é assim mesmo. Não encontramos o horizonte utópico, mas ficamos mais próximos do que almejamos. E assim, nos mantemos no caminhar.” Essa ideia da escrita aberta cada vez me encanta mais. Distante de moldes, de formatos, templates como anteriormente propus e que aprendi que a escrita é muito mais que isso, é o modo como experimentamos o mundo. Nesse sentido que assumo que a escrita de um professor é o modo como ele experimenta o mundo da sala de aula. Assim, embora eu acredite na importância do que se aprende sobre planejamento, só tem sentido planejar se é exatamente para estar aberto ao que a professora em seu relato mostra: o movimento indelével da sala de aula. Obrigada, Menina dos Olhos!

A outra carta que recebi também me instiga a pensar sobre a qualidade de um texto, e que segundo esta minha parceira, Colega Atenta, poderia estar compondo essa minha carta e as próximas ao que acato e então vou falar de qualidades de um texto como o Prof. Guedes coloca: unidade temática, concretude, objetividade e questionamento. Então a primeira qualidade: unidade temática. Assim, quando escolhemos o que relatar não vamos falar de tudo que acontece na sala de aula escolhida, mas falar de uma ideia predominante, independente da complexidade do texto, mas melhor que seja simples. Para um leitor, se o texto tem uma ideia aumentam as possibilidades de compreensão do texto. É impossível pensar que seja possível escrever um texto que dê conta de tudo. Assim, no nosso relato é preciso que se escolha uma ideia central que será desenvolvida no texto. E se pensarmos na nossa sala de aula ela é uma atividade complexa com muitas coisas a contar. É preciso pois escolher. Então o diário nos ajuda a lembrar de aspectos da nossa unidade temática que acontece ao longo do ano para registrarmos no nosso relato. Então, só para dar um exemplo, eu escolhi falar sobre minha aula de Ciências CTS na EaD. E contei na carta anterior da atividade que vou solicitar na semana que se inicia: a carta sobre os objetos. Esta será a minha unidade temática falar sobre o que esta atividade metodológica vai trazer para este diálogo aberto que pretende discutir Filosofia, Sociologia e Ciência. Ou seja, vou contar dos objetos que meus alunos vão trazer para este diálogo como a minha Beijoca trouxe. Tive duas respostas de professoras, uma da Menina dos Olhos que teve uma Beijoca no interior de uma Aracaju pobre, outra que ficou no sonho de uma menina paulistana, a Tecelã. Ou seja, primeiro uma apresentação, depois a escolha da unidade temática e depois sobre ela é só escrever com objetividade e questionamento. Um abraço, MC.